LINGUAGEM E AVALIAÇÃO: UMA ANÁLISE DE TEXTO OPINATIVO

Sara Regina Scotta CABRAL
(ULBRA-UFSM)
Nina Célia Almeida de BARROS
(UFSM)

ABSTRACT: *Appraisal is always present in opinion articles, either in spoken midia or in written midia, but it is not always expressed with qualifiers. Recent studies about evaluation (Martin e White, 2005; Fairclough, 2003) show that, with lexical elements in sentences or in groups of sentences, the speaker/writer engages himself with what he affirms or denies, and so she/he presents her/himself and his values. Appraisal is, therefore, a particular way using language to demonstrate points of view, to construe textual personas and to manage interpersonal relations. The aim of this article is to analyse linguistic strategies of appraisal in a Carlos Heitor Cony's text, "Barulho por nada", publicated in May 18, 2004, in Folha de São Paulo, with commentaries about Larry Rother's report in The New York Times, a subject of great national refleCtion. For analysis, first we identified attitude, dialogism and intertextuality features in linguistic stratum. After, the text was divided in four parts, accordingly appraisal features frequency. We found, in the firs part, a lot of negative appreciation, with only one occurrence of explicit judgement and one negative with disclaim. In the second part, intertextuality positioning occurred, in which the author endorses, with indirect and direct speech, affirmations and convictions of other sources. There is also an occurrence of implicit judgement. In the third part, there are occurrences of appreciation and judgement, and, in the last part, Cony used indirect speech, which shows intertextuality. Thus, final results indicate a lot of negative appreciation in all parts of the text, endorsement of true sources in parts two and four, and negative judgement in part three. We conclude that the author's strategy, when using negative appreciation and reinforcing it with intertextuality, presents more attitudinal positioning than dialogical one to persuade the writer.*

KEY-WORDS: *appraisal, attitudinal positioning, textual genre, intertextuality.*

1. Introdução

Conforme Bonini, existe a necessidade de se investigar mais detalhadamente a diversidade dos gêneros que circulam em um jornal; assim, "eles podem ser objeto de pesquisas (e de interessantes reflexões)" (2003:10). Por ser "um espaço onde circulam vários gêneros" (2003:10), várias dificuldades têm sido encontradas na caracterização da coluna como gênero específico, e diversas tipologias têm sido elaboradas com tal finalidade (Melo, 1994; Chaparro, 1998; Medina, 2001; Dias, 2002; Bonini, 2003).

Rystrom (1993: 241) define coluna jornalística como "artigo interpretativo ou analítico que pode revelar o ponto de vista do escritor, embora seu primeiro propósito seja dar aos leitores informações e previsões, e talvez levantar questões". Para o mesmo autor, esses artigos classificam-se em escritos que expressam desde a opinião pessoal até a discordância em relação a editoriais de jornais.

As colunas podem versar sobre vários temas, dentre eles política nacional e internacional. Tanto nas versões *off* como *on-line,* a coluna de opinião se faz presente e motiva o surgimento de muitos outros eventos comunicativos, que acabam por compor uma cadeia de gêneros: *blogs*, cartas do leitor, charges, editoriais, comentários, artigos diversos, redações escolares, conversas entre amigos, etc.

No Brasil, vários são os autores nacionais que têm suas colunas prestigiadas pelo público leitor. Dentre eles destacam-se Dora Kramer (O Estado de São Paulo), Hélio Schwartsman, Carlos Heitor Cony e Eliane Cantanhêde (Folha de São Paulo), Ricardo Boechat e Márcia Peltier (Jornal do Brasil), Merval Pereira, Jorge Bastos Moreno e Teresa Cruvinel (O Globo), Cláudio Humberto (Gazeta de Alagoas), Denise Rothenburg (Correio Braziliense).

Por apresentar "fisionomia levemente persuasiva" (Melo, 1994: 138), a coluna não se limita a simplesmente emitir opiniões, mas procura conduzir a opinião pública e veicula versões dos fatos "que lhe dão contorno definitivo" (1994:138).

> Aparentemente a coluna tem caráter informativo, registrando apenas o que está correndo na sociedade. Mas, na prática, é uma seção que emite

> juízos de valor, com sutileza ou de modo ostensivo. O próprio ato de selecionar os fatos e os personagens a merecerem registro já revela o seu caráter opinativo (Melo, 1994: 138).

Chaparro (1998), por sua vez, ao analisar textos jornalísticos, afirma que a narração e a argumentação constituem a base de todos os textos de jornal, já que informação e opinião se misturam. Nem sempre essas duas características afloram à superfície textual, mas é certo que estão implícitas em qualquer peça jornalística. Como lembra Bonini (2003), é preciso considerar o uso efetivo que o sujeito faz de tais elementos: "O sujeito social e lingüisticamente ancorado escreve/fala ou lê/ouve uma carta ou uma notícia, mas não uma descrição ou uma narração, que são características internas da linguagem".

A Teoria da Valoração (Martin e White, 2005) tem se revelado uma ferramenta eficaz para que se possa perceber o caráter opinativo dos textos jornalísticos, uma vez que não são somente os qualificadores que atribuem valores a nomes, coisas e eventos. Tal aparato teórico permite que se analise, através dos elementos lingüísticos, a semântica do discurso empregado. Os recursos utilizados pelo escritor, tanto sob o ponto de vista da atitude, da intertextualidade e da dialogia permitem estabelecer que tipo de autor se constrói no texto e que tipo de leitor o escritor constrói para que consuma seu texto. Fairclough (2003:111) reforça a posição de que "as declarações de fato (...) são extremamente avaliativas, embora implicitamente". Para o autor, os valores implícitos nas sentenças factuais permitem ligar orientações voltadas para o conhecimento a orientações voltadas para a ação: "Valores são motivo de ação" (Fairclough, 2003: 112).

Este artigo tem por objetivo formular um exemplo de análise de um texto de uma coluna jornalística sob o ponto de vista da Teoria da Valoração (Martin e White, 2005). Inicialmente serão desenvolvidos os pressupostos teóricos que embasam o trabalho e, logo após, será examinado o texto "Barulho por nada" (Cony, 2004), nas três variáveis que compõem a valoração.

2. A Teoria da Valoração

A função interpessoal, especialmente, deixa entrever o tipo de relação social que se estabelece entre os participantes do evento, e o discurso deixa entrever posições do falante/escritor em relação ao que ele diz, em relação ao conteúdo do que diz e em relação àquele que o ouve/lê. A investigação do modo como as *personas* textuais são construídas e como as relações interpessoais são administradas pelos participantes do evento comunicativo pode levar a uma série de constatações sobre os significados implícitos na organização retórica.

A Teoria da Valoração (Martin e White, 2005) propõe-se a explicitar os diferentes usos da linguagem por escritores/falantes, de modo a descrever e explicar o modo como a linguagem é utilizada para avaliar, adotar posicionamentos, julgar atos de outrem, apreciar elementos do mundo real. A valoração (www.grammatics.com/appraisal) tem três funções principais: (a) demonstrar o posicionamento atitudinal do autor/leitor frente a comportamentos e eventos/coisas concretas, através do elogio ou da censura; (b) expor, através do endosso ou da contrariedade a posicionamentos de outrem (intertextuais), seu próprio posicionamento ou manter-se neutro e (c) explicitar os recursos dialógicos utilizados para estabelecer as relações interpessoais entre autor e leitor, através da antecipação ou da resposta a indagações do leitor/ouvinte. Assim, a valoração é vista por Martin e White (2005) como um recurso para construir a relação entre os participantes do evento comunicativo, ao mesmo tempo em que a solidariedade é negociada com os leitores.

2.1 Atitude

O posicionamento atitudinal faz referência à avaliação positiva ou negativa acerca de pessoas, lugares, coisas, acontecimentos, estados de coisas, etc. É objetivo da Atitude fazer uma avaliação negativa ou positiva por parte do escritor ou convidar o leitor a fazê-lo. Entretanto, o posicionamento atitutinal nem sempre está explícito no texto e também não se refere apenas à qualificação de coisas e seres como bons ou ruins através do uso de qualificadores. Estando implícito, pode ser desvendado com o auxílio do contexto em que está inserido.

A Atitude apresenta, segundo Martin e White (2005), três subtipos: (i) posicionamento afetivo, (ii) posicionamento ético e (iii) posicionamento estético, denominados pelos autores (i) Afeto, (ii) Julgamento e (iii) Apreciação.

Lingüisticamente o Afeto, que se refere a disposições emocionais positivas e negativas, pode ser indicado por verbos de emoção (processos mentais, por exemplo, 'gostar', 'odiar', 'desanimar'), advérbios (especialmente de modo, por exemplo, 'infelizmente', 'amavelmente'), adjetivos ('aborrecido', 'alegre', 'satisfeito') e nominalizações ('satisfação', 'tristeza', 'serenidade'). As emoções, segundo os autores (Martin e White, 2005), são agrupadas em um dos três conjuntos: segurança/insegurança, felicidade/infelicidade, satisfação/insatisfação. A gradação é inerente ao vocabulário atitudinal, como exemplifica 'gostar', 'amar', 'adorar', 'venerar'.

Já o Julgamento é uma avaliação atitudinal em que o autor se manifesta positiva ou negativamente quanto a comportamentos humanos ou a um conjunto de normas sociais. Julgar envolve, então, posicionamentos como 'avaliar', 'elogiar', 'apreciar' atos, crenças e valores. Estão envolvidos, nessa perspectiva, sistemas psicológicos e sociais como capacidade e incapacidade, moralidade e imoralidade, legalidade e ilegalidade, polidez e impolidez, entre outros. Fica evidente que o Julgamento pode variar de pessoa para pessoa ou de grupo para grupo, considerando-se a posição social e ideológica do autor. 'Proibido', 'mal-educado', 'delicado' são qualificadores que exemplificam o Julgamento.

A Apreciação, por sua vez, difere do Julgamento na medida em que constitui uma avaliação positiva ou negativa de objetos, artefatos, processos e estados de coisas. É a avaliação estética da composição, estrutura e forma, da apresentação, do conteúdo e da disposição de objetos e artefatos relativos a obras de arte, indústria, construções arquitetônicas, livros, instrumentos científicos e de uso cotidiano, bem como dos fenômenos naturais e dos objetos semióticos. Também os seres humanos podem ser apreciados sob o ponto de vista estético (bonito/feio).

2.2 Intertextualidade

O posicionamento intertextual refere-se ao modo como os autores valorizam as palavras, observações, pontos de vista, textos e falas de outros. Na Lingüística, tal tema tem sido tratado com diferentes nomes como intertextualidade, heteroglossia (Bakhtin), discurso direto e discurso indireto (www.grammatics.com/appraisal). Ao escolher citar palavras de outrem, o autor manifesta sua avaliação, tanto pelo tipo de citação que escolheu quanto pelo modo como faz a referência no texto, o que já é um indício da relevância de tais falas para os propósitos comunicativos em questão.

Fairclough (2003: 47) levanta questionamentos como "que textos e vozes são incluídos, quais são excluídos, e que ausências significantes há". Interessa também a medida em que o que está sendo reportado é ou não diferente da fala original. Para o autor, há quatro modos de reportar: (1) uso do discurso direto, (2) uso do discurso indireto, (3) uso do discurso indireto livre e (4) uso de narrativa de ato de fala. A intertextualidade passa a ser um caso de recontextualização em que as relações autor/evento e autor/texto entram em jogo. Ou seja, "quando a voz de outro é incorporada a um texto, há sempre escolhas sobre como inseri-la (emoldurá-la), como contextualizá-la em termos das outras partes do texto" (1995: 55).

Na Teoria da Valoração, o posicionamento intertextual acontece através do endosso ou não das palavras de outrem. Ao endossar o texto alheio, o escritor indica que concorda com o dizer de outra pessoa e o representa como verdadeiro, confiável ou convincente. Lingüisticamente, o endosso pode realizar-se com o uso de itens lexicais como 'mostrar', 'demonstrar' ou mesmo com o distanciamento do escritor em relação à proposição (por exemplo, 'A imprensa concordou...'). O ato de não endossar, por sua vez, manifesta o não-comprometimento do autor com a fala de outrem e o conseqüente descrédito em relação a essas proposições. Evidencia-se através de itens como 'alegar', 'reclamar', de adverbiais como 'inesperadamente', 'surpreendentemente', de formulações como 'Há um rumor de que...', 'Circulam fofocas de que ...' e de distanciamento ou completa rejeição à proposição do outro (por exemplo, 'É inadmissível que X diga ...'.

A responsabilidade que o autor se atribui em relação ao dizer do outro pode variar em graus: ou o autor assume completa responsabilidade pelo uso do falar alheio ou a assume parcialmente ou não a assume. É também importante a origem da fonte de informação, se humana ou não, se identificada ou não, se individual ou coletiva, se possuidora de alto ou baixo *status* social.

A inserção da fala de outrem no texto pode estar explícita ou implicitamente representada. Quando usado o discurso direto, faz-se a clara separação entre a fonte atribuída e as palavras do texto; quando assimilada, as fronteiras não são bem delimitadas, confundindo-se a fala do autor com a fala do informante. Nesse caso, é importante que o leitor acione seu conhecimento de mundo, uma vez que a intertextualidade está mesclada e nem sempre bem definida.

2.3 Engajamento

Falantes e escritores constroem-se como *personas* textuais na relação que demonstram com seus ouvintes/leitores, os quais também são construídos através da linguagem. Tal processo acontece na medida em que os primeiros ajustam seu texto à audiência e com ela negociam os sentidos textuais. Essa relação tem sentido intersubjetivo e propicia modos pelos quais "os recursos lingüísticos agem para inscrever o leitor no texto" (Martin e White, 2005: 95). É o que os autores denominam 'engajamento', efetivado através da negação, da declaração, da probabilidade e da atribuição.

A negação pode efetivar-se através do emprego de palavras negativas como 'não', 'nunca', 'nada' e do uso de recursos que contrariem a expectativa do leitor (por exemplo, adverbiais como 'surpreendentemente, 'incrivelmente', concessivas como 'apesar de', 'entretanto' e operadores como 'somente', 'justamente', 'ainda'). A declaração, ao contrário, atende às expectativas do leitor através de declarações afirmativas (por exemplo, 'naturalmente'). A probabilidade realiza-se através do uso de evidências ('aparentemente', 'parece'), semelhanças ('Eu penso', 'Eu suponho') e indicações de rumores ('Dizem', 'Ouvi falar'), enquanto a atribuição realiza-se através da indicação explícita do informante, de intensificadores ('realmente') e de estruturas como 'É fato...'.

3. Análise e discussão

Para a aplicação da Teoria da Valoração, foi selecionado o texto 'Barulho por nada', de Carlos Heitor Cony. O autor mantém uma coluna no jornal Folha de São Paulo, na qual comenta os mais diversos temas, dentre eles a política em especial. É conhecido por seu estilo irônico e pela agudeza com que observa o cotidiano, além de ser membro do Conselho Editorial do jornal, romancista e cronista.

'Barulho por nada' foi publicado no dia 18 de maio de 2004, ocasião em que o Brasil encontrava-se em uma crise de grande prejuízo nacional, desencadeada por uma reportagem de Larry Rohter no jornal The New York Times - 'Brazilian leader's tippling becomes national concern' -, datada de 9 de maio, a qual questionava os hábitos etílicos do presidente do Brasil, sr. Luís Inácio Lula da Silva. A publicação gerou grave crise no governo do país, com desdobramentos infelizes como a expulsão do jornalista americano e os subseqüentes questionamentos sobre a liberdade de imprensa em território brasileiro. No final, Larry Rohter

teve seu visto de estrangeiro revalidado, como resultado da ação diplomática do Ministério da Justiça.

Após a análise dos traços de valoração na coluna 'Barulho por nada' (em anexo), foi possível dividir o texto em quatro partes, segundo as similaridades de estratégias valorativas: (1) desde o início até a linha 5, em que o autor faz a apresentação do tema a ser desenvolvido; (2) desde a linha 6 até a linha 9, em que Cony relata fatos ocorridos em função da reportagem; (3) da linha 10 até a linha 20, onde o autor traz à lembrança fatos semelhantes ocorridos com outros estadistas e onde explicita sua opinião acerca do acontecido e (4) da linha 21 até a 22, que utiliza para fechar o texto.

A seguir apresentam-se, em ordem sucessiva, os quadros relativos aos quatro segmentos e sua respectiva análise.

3.1 Primeira parte

	Carlos Heitor Cony
	18/05/2004
	Barulho por nada
1 2 3	Nem bem esfriaram as cinzas do caso Waldomiro, provocadas pelo incêndio da corrupção de um assessor graduado do governo, outro foco se abriu, inesperadamente, cujas labaredas chamuscaram o presidente da República dentro e fora do país.
4 5	Foi um negócio de turco, embora, e aparentemente não houvesse nenhum turco envolvido na questão: todos saíram ganhando e todos saíram perdendo um pouco.

Quadro 1 – Primeiro segmento

O título "Barulho por nada" evidencia um Julgamento explícito negativo por parte do autor, em que ele julga todo o comportamento das personagens envolvidas como inócuos, sem resultado prático algum. Na primeira parte, Cony posiciona-se atitudinalmente através da apreciação negativa, ao usar expressões como '*cinzas* do caso Waldomiro', 'provocadas pelo *incêndio*', '*labaredas*', '*chamuscaram*' e 'negócio *de turco*'. Também utiliza um julgamento explícito, ao empregar o sintagma '*da corrupção*'. Não faz uso de intertextualidade explícita, mas revela posicionamento dialogístico com o leitor, ao criar uma

expectativa contrária ao esperado (‘inesperadamente’, ‘*embora*, e aparentemente *não* houvesse *nenhum* turco...’).

3.2 Segunda parte

6 7 8 9	O jornal de New York não desmentiu nem pediu desculpas, o jornalista norte-americano garantiu que nada tinha contra Lula e não teve a intenção de ofendê-lo, e o presidente, após expulsar o jornalista e vendo-se ameaçado pela decisão do STJ de revogar a expulsão, aceitou não o pedido de desculpa do jornalista, mas a ausência de dolo na matéria enviada ao "NYT".

Quadro 2: Segundo segmento

A segunda parte (linhas 6 a 9) apresenta posicionamento intertextual, através do endosso positivo em várias ocorrências (‘não desmentiu’, ‘nem pediu desculpas’, ‘garantiu que’, ‘aceitou’), em que a fonte é não-humana, identificada, específica e de alto *status*, por se uma empresa americana que produz jornais de grande penetração no mundo todo.Todas as ocorrências de intertextualidade aqui se encontram assimiladas no texto, ou seja, foram recontextualizadas (Fairclough, 2003). Neste bloco ainda há algumas poucas ocorrências de outro posicionamento, tais como Julgamento negativo implícito (‘vendo-se *ameaçado*’, *‘a expulsão’*).

3.3 Terceira parte

10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20	E obteve, ainda que por pouco tempo, uma solidariedade unânime da classe política e da sociedade em geral, que não ignora sua preferência por bebidas destiladas mas não vê nada demais nisso, o presidente Figueiredo gostava mais de cavalos do que do povo, Médici adorava futebol, Vargas adorava charutos e Itamar o pão de queijo. Perdeu-se muito tempo e gastou-se muita energia com o caso. O incêndio, apagado por dois bombeiros eficientes, o ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos e o assessor de imprensa, Ricardo Kotscho (admiro a ambos), teve como subproduto um sursis para o governo, colocando em segundo plano a gritante parcialidade do novo salário-mínimo, que em outras eras provocaria uma greve geral; e a questão dos bingos, que mais uma vez desgastou a imagem presidencial, trancando o galinheiro para proteger galinhas roubadas.

Quadro 3: Terceiro segmento

A parte três (linhas 10 a 20) mescla Afeto não-autoral (‘o presidente Figueiredo *gostava* mais’, ‘Médici *adorava*’, ‘Vargas *adorava*’), Afeto

autoral (‘*admiro* a ambos), Julgamento implícito (‘não vê nada demais nisso’, ‘bombeiros’) e explícito (‘*Perdeu-se muito* tempo’, ‘*gastou-se muita* energia*’,* ‘bombeiros *eficientes’)* e Apreciação negativa *(‘*O *incêndio’,* ‘subproduto*’, ‘segundo* plano’, ‘*gritante parcialidade’*, ‘desgastou’, ‘galinheiro’, ‘galinhas roubadas’).

3.4 Quarta parte

21 22	Muita citada aquela comédia shakespeariana: "Much ado about nothing". Tradução aproximada: muita galinha para pouco galinheiro. **Carlos Heitor Cony** é romancista e cronista, é também colunista da Folha. Escreve para a Folha Online às terças **E-mail:** cony@uol.com.br

Quadro 4: Quarto segmento

A intertextualidade de fonte não-humana, identificada, específica e individual ocorre no último bloco do texto (linhas 21 e 22), através do endosso positivo, quando Cony afirma: “muito citada aquela comédia shakesperiana: “Much ado about nothing”. A Apreciação negativa encerra o texto, quando o autor declara: “muita galinha para pouco galinheiro”. O uso de um dizer popular revela uma tentativa dialógica de aproximação do autor com seu público.

4. Conclusão

Tendo em vista a Teoria da Valoração (Martin e White, 2005), foi possível concluir que, dentre as quatro partes que compõem o texto ‘Barulho por nada’, predominam os recursos retóricos de Atitude, especialmente de Julgamento e de Apreciação. A intertextualidade é endossada positivamente pelo autor da coluna e se manifesta através do discurso indireto, com pouca ocorrência de discurso direto.

A presença de verbos de afetividade, na terceira parte, sugere gradação, usada para reforçar hábitos de outros presidentes, abonatórios ao de Luís Inácio Lula da Silva.

As *personas* textuais construídas envolvem o autor da coluna, que se apresenta como alguém que detém o conhecimento, emite juízos éticos e avalia esteticamente o mundo a seu redor, e que pouco modaliza seu discurso; já o leitor é visto como alguém que precisa ser persuadido e

partilhe da opinião que subjaz ao texto, A tentativa de se aproximar do leitor, já que o autor o constrói como pessoa simples do povo – ou seja, um leitor comum– está manifesta com mais clareza no último parágrafo do texto, em que Cony recorre à 'tradução' da fala teatral: "Muita galinha para pouco galinheiro".

REFERÊNCIAS

BONINI, A. 2003. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil. *Linguagem em (Dis)curso*. 4(1), jul.-dez. Disponível em: file:///C:/Documents%20and%20Settings/Sara/Meus%20documentos/Doutorado%20-%20material%20de%20apoio/Linguagem%20em%20(Dis)curso,%20v_%204,%20n_%201.htm. Acesso em 12 abr. 2006.

CHAPARRO, M.C. 1998. *Sotaques d'aquém e d'além mar*: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém/PT: Jortejo.

CONY, C. H. 2004. Barulho por nada. *Folha de São Paulo*. 18 maio. p. 2.

DIAS, P. da R. *et al*. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal "Folha de S. Paulo" e da revista "Veja". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 23., 1998, Recife. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Intercom. Disponível em: <www.intercom.org.br>. Acesso em: 20 maio 2006.

FAIRCLOUGH, N. 2003. *Analysing discourse*: textual analysis for social research. London and New York: Routledge.

MEDINA, J. L. B. Gêneros jornalísticos: uma questão de gênero. In: SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 7., 2001, Vitória. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/viii-sipec/gt05/40-%20Jorge%20Lellis%20-%20trabalho%20completo.htm>. Acesso em: 20 maio 2006.

MELO, J. Marques de. 1994. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

RYSTROM, K. 1993. *The why, who and how of the editorial page*. 2. ed. Pennsylvania: Strata Publishing Company.

www.grammatics.com/appraisal. Acesso em 27 fev. 2006.

ANEXO

O Quadro a seguir esquematiza a análise realizada:

P	Texto	Atitude	Intertextualidade	Engajamento
	Barulho por nada	Julgamento explícito negativo		
1	Nem bem esfriaram as *cinzas* do caso Waldomiro, provocadas pelo *incêndio da corrupção* de um assessor graduado do governo,	Apreciação negativa Apreciação negativa Julgamento explícito -		
	outro foco se abriu, *inesperadamente,*			Engajamento através de negação
	cujas *labaredas chamuscaram* o presidente da República dentro e fora do país.	Apreciação negativa Apreciação negativa		
	Foi um negócio *de turco*,	Apreciação negativa		
	embora, e aparentemente *não* houvesse *nenhum* turco envolvido na questão: *todos saíram ganhando* e *todos saíram perdendo um pouco.*	Julgamento explícito -		Negação: expectativa contrária
2	O jornal de New York *não desmentiu*		Endosso positivo	Negação
	nem pediu desculpas,		Endosso positivo	Negação
	o jornalista norte-americano garantiu *que nada tinha contra Lula*		Endosso positivo	
	e não teve a intenção de ofendê-lo,		Endosso positivo	
	e o presidente, após expulsar o jornalista e vendo-se *ameaçado* pela decisão do STJ de revogar a *expulsão,*	Julgamento implícito - Julgamento implícito -		
	aceitou não o pedido de desculpa do jornalista, mas a ausência de dolo na matéria enviada ao "NYT".		Endosso positivo	
3	E obteve, *ainda que por pouco tempo,* uma *solidariedade unânime* da classe política e da sociedade em geral,	Julgamento explícito +		Negação: expectativa contrária
	que não ignora sua preferência por bebidas destiladas			
	mas *não vê nada demais nisso*,	Julgamento implícito -		
	o presidente Figueiredo *gostava* mais de cavalos do que do povo,	Afeto não autoral positivo		
	Médici *adorava* futebol,	Afeto não autoral positivo		
	Vargas *adorava* charutos	Afeto não autoral positivo		
	e Itamar √ o pão de queijo.	Afeto não autoral positivo		
	Perdeu-se muito tempo	Julgamento explícito -		
	e *gastou-se muita energia* com o caso.	Julgamento explícito -		

	O *incêndio,* apagado por dois *bombeiros eficientes*, o ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos e o assessor de imprensa, Ricardo Kotscho	Apreciação negativa Julgamento implícito - Julgamento explícito +		
	(*admiro* a ambos),	Afeto autoral positivo		
	teve como *subproduto* um sursis para o governo,	Apreciação negativa		
	colocando em *segundo plano a gritante parcialidade do novo salário-mínimo,*	Apreciação negativa		
	que em outras eras provocaria uma greve geral;			
	e a questão dos bingos, que mais uma vez *desgastou* a imagem presidencial,	Apreciação negativa		
	trancando o galinheiro para proteger galinhas roubadas.	Julgamento implícito -		
4	*Muito citada aquela comédia shakespeariana: "Much ado about nothing".*		Endosso positivo	Engajamento positivo
	Tradução aproximada: *muita galinha para pouco galinheiro*.	Apreciação negativa	Endosso positivo	

Quadro 1- Análise do texto 'Barulho por nada'